

Qual é o seu propósito?

Denize Dutra - Coach, consultora, coordenadora MBA RH _FGV
denize@denizedutra.com.br

Nossa aldeia global está em total turbulência!

Conflitos seculares continuam pelos mais diversos motivos, religiosos, econômicos, territoriais, políticos, e por aí vamos. Em todas as mídias as más notícias e tragédias se sobrepõem às boas.

Em meio a este cenário, o Brasil passa um momento bastante difícil. Em minha humilde opinião, que não sou especialista em economia e nem em política, apesar dos sérios problemas políticos que acabaram agravando a tal "crise econômica", o ponto crítico é a falta de credibilidade nas instituições e falta de verdadeiras lideranças.

A crise moral decorrente dos inúmeros escândalos de corrupção envolvendo não apenas o governo, mas os digníssimos representantes do povo, empresas renomadas, grandes empregadoras e a sociedade civil, que são cidadãos que trabalham nessas empresas e instituições e, somos nós, que damos poder a esses governantes e políticos, por meio do nosso voto.

Mas, não é desse viés que quero tratar. Minha reflexão sofre a "ressaca" emocional que estamos vivendo. É sobre este conjunto de sintomas emocionais que temos sentido e que ainda nem sabemos definir muito bem: Tristeza? Desânimo? Sensação de anestesia? Confusão mental (em meio a tanta informação)? Impotência? Insegurança? Indignação? Raiva? Agressões (verbais e total desrespeito)?

Nesse mesmo contexto, me encanto com o CONARH - evento anual da ABRH Brasil - que consegue reunir milhares de pessoas, entre especialistas de RH, de artes e outras áreas do conhecimento, com a presença de CEO's de importantes organizações públicas e privadas, para discutir o estado da arte da gestão de pessoas e descobriremos as inúmeras histórias de sucesso.

Surpreendo-me como algumas empresas "desconsideram" a tal crise, seguem em seus projetos e continuam investindo nas pessoas, mantendo a crença de que delas depende a virada do jogo.

Revigoro as minhas forças quando, numa aula inaugural do MBA em Gestão de Recursos Humanos, que coordeno na Fundação Getúlio Vargas (FGV), ouço alunos contando que vieram buscar neste curso uma maior profissionalização para conquistar seu espaço nas organizações. E, seis meses depois, ouço depoimentos destes mesmos alunos, dizendo que o curso está mudando seu modelo mental, sua percepção de mundo e de si mesmo, sua atuação profissional.

Fiquei pensando o que está por trás desses momentos e experiências de sucesso. Por que apesar do contexto desfavorável, pessoas e organizações conseguem fazer acontecer e transformar ameaças em oportunidades?

Uma ideia esteve presente em todas as reflexões: o senso de propósito.

Se o SER HUMANO não tiver clareza do seu propósito, ele sucumbe às adversidades. Penso que a base da automotivação e da resiliência seja saber o porquê de nossa existência: Por que vivemos? Por que trabalhamos? Por que escolhemos isto e não aquilo? Por que determinamos que objetivos devem ser perseguidos? Por que queremos isto ou aquilo?...

O que alimenta os nossos sonhos? Que legado queremos deixar? Como queremos ser lembrados pelas pessoas pelas quais passamos?

A clareza de propósito fortalece nossa identidade, nossos princípios, dão foco às nossas ações.

Meus colegas lusófonos, penso que estamos diante de nosso maior desafio: atuar de forma a ajudar as pessoas a identificarem ou definirem qual é o seu propósito. Isto me faz lembrar o filme *As Invenções de Hugo Cabret*, quando o protagonista diz que “até as máquinas têm um propósito”. É preciso que descubramos qual é a nosso?